

*Pathos e ethos e o método clínico como forma de análise do discurso político*¹

*Felipe Nogueira Alves da Silva*²

As visualizações as quais Cerqueira Filho se debruça ao analisar o conto “Páramo”, de João Guimarães Rosa, a partir das acepções que conduzem o método clínico de análise, conduzem a uma crítica que considera a impressões psicológicas do indivíduo quanto os acontecimento políticos que o rodeiam.

Tais Impressões expõem um histórico de vivências anteriores que constroem o olhar presente. Este olhar, sensibilizado pelas visões pretéritas de acontecimentos políticos em contextos de autoritarismo e fortemente permeado por atos agudos de força e violência, torna-se capaz de induzir a interpretações mais profundas dos fatos que ocorrem no presente ao expectador, calejado da agudez do passado, que agora diante de fatos que aparentemente se afastam daquele passado de horror, é capaz de produzir sensações análogas àquelas e ter interpretações que correspondem às questões mais intrínsecas da política e de seus agentes.

O que emerge com relevância maior nessa obra de Cerqueira Filho é a abordagem acerca do *ethos* e do *pathos*, haja vista que os personagens

¹ Esta resenha é uma abordagem a partir do artigo “Sufoco Nas Alturas Sobre Páramo, de Guimarães Rosa”, do Cientista Político Gisálio Cerqueira Filho, publicado na Revista Passagens da Universidade Federal Fluminense, em 2013.

² Mestrando do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: lip_nog@yahoo.com.br

são tomados, pelo autor como fontes de observação frente a esses conceitos, trabalhados a partir da vivência do personagem central do conto de Rosa, associando-se à própria história de vida desse autor.

A acepção do *pathos*, revelado como sofrimento psíquico experimentado tanto pelo autor do conto quanto pelo personagem principal expõe-se ainda como uma via rápida, que pode conduzir também à fruição do gozo. O *ethos*, por sua vez, é exposto por Cerqueira Filho sob a seguinte consideração:

Ethos é o construto sociológico para a natureza social do humano, referido tanto à comunidade quanto à sociedade. No caso concreto diz respeito aos aspectos característicos daqueles que vivem no sertão, mas também os transcendem. Aspectos que falam dos costumes, da cultura, da ideologia, do simbólico, enfim. (CERQUEIRA FILHO, 2013, p.173).

O *ethos* fala à identidade social, enquanto o *pathos* apega-se às questões psíquicas, adstritas ao foro íntimo e reveladas nas ações pela força inexorável do inconsciente que se fará valer, independentemente de quaisquer forças do racional. Enquanto no *ethos* o que se faz perceptível e caracterizador é o cunho normativo das ações, o "Pathos é construto psicológico para a natureza psíquica do humano. Representa o sofrimento, a experiência afetiva, as emoções." (2013, p.173).

Cerqueira Filho vai além e bem define tais conceitos:

Podemos dizer que o humano é portador de subjetividade e apresenta um aparelho psíquico que inclui uma dimensão

inconsciente. A dinâmica desse fenômeno é regida pelo *pathos* (sofrimento, paixão, passividade), pelo afeto. Entretanto, afeto não deve ser confundido com emoção simplesmente. O afeto contém a emoção, mas não se reduz a ela. O afeto é uma força, é uma paixão intensamente excessiva. Podemos dizer com Manoel Berlinck que o *pathos* é um “afetão”, ou seja, aquilo que atinge e modifica o sujeito. Nem toda emoção provoca essa mudança. Dessa forma, *pathos* designa a experiência daquilo que é vivido. É um estado transitório. Podemos então dizer que a Psicopatologia Fundamental é um discurso sobre o afeto, uma paixão que é vivida pela experiência. (2013, p.174).

Nesse diapasão Cerqueira Filho extrai a idéia de inevitabilidade do sofrimento, mas acima de tudo a regência da ação humana tendo como fonte motriz o *pathos*. Se pensada essa regência cabe a experiência trazida pelo autor no que diz respeito à ação política e ao discurso político, especialmente.

O discurso, ato no qual a mecanização normatizada do *ethos* expõe-se com vivacidade e contornos mais explícitos, haja vista os códigos sociais que são elevados no trato político em virtude da necessidade de convencimento dos receptores do discurso e pela própria natureza competitiva e da batalha de teses e antíteses tão presente nas disputas políticas, não pode ser observado desconsiderando-se as ingerências do *pathos* nas ações dos agentes políticos.

É como se nesse contexto, no qual o agente político traveste-se de um manto costurado pelas linhas do *ethos*, que formarão a aparência final na túnica, aquela imagem pela qual o político deseja ser identificado. Há, contudo que se analisar mais de perto a vestimenta a ponto de se perceber os cortes que foram costurados e quanto se trabalhou em emendas e arremates para que esses ficassem despercebidos no traje.

Há, contudo, que ser mais atento na observação, pois o que se veste é quase como que vivo, pois os cortes, por mais bem costurados que estejam, fazem forças constantes para que rompam as linhas e mostrem não só a realidade da roupa, mas o verdadeiro homem que com ela se veste.

Emerge então o que se tem por *semblant* e sua consideração acerca da política e do discurso político. Segundo o dicionário Houaiss, *semblant* quer dizer exterioridade enganosa. O que poderia ser dito aqui como um simulacro.

Em artigo intitulado “Discurso e modalidades epistêmicas no debate político: efeitos de sentido no discurso de Lula” Eliana Alves faz análise de discurso do então candidato do Partido dos Trabalhadores, nos pleitos de 1989 e 2002, e as nuances que caracterizavam a fala política. Acerca da análise Alves expõe:

No debate de 1989, observamos que há o predomínio de verbos pertencentes à modalidade epistêmica da ordem do crer, que produzem um tom menos categórico e autoritário, propiciando ao co-enunciador a possibilidade de aderir ou não ao discurso, visto que o conteúdo enunciado é posto como possibilidade e não injunção, isto é, situações que não são confirmadas.

O discurso de 2002, diferentemente de 1989, apresenta o predomínio de frases assertivas, verbos no modo indicativo e pouca modalização, ou seja, a modalidade epistêmica do crer e do saber não está explicitada por verbos. O discurso é pouco modalizado, criando o efeito de sentido de que o enunciador é neutro e imprimindo maior força ilocucionária ao seu ato de asserção. Dessa forma, temos um discurso mais categórico e a construção da imagem de um candidato seguro e decidido. Além disso, é produzido um discurso mais autoritário, levando o co-enunciador a concordar com os fatos apresentados. (ALVES, 2013, p.7).

O que se extrai de tal análise, muito mais que a força semântica empregada pelo locutor e a seleção sensível e estratégica das palavras e expressões utilizadas, é o que há de influência da psique do candidato na formação de uma imagem e na transmissão de uma mensagem por via do discurso.

Quando pensamos em política, podemos buscar algumas referências, entre outras, a de Hanna Arendt: *O que é a política?* Ela responde: “A política repousa sobre um fato: a pluralidade humana” (1995, p.31).

Sob esse prisma vê-se que a política tem sua construção calcada na subjetividade dos indivíduos e que por mais que o que se evidencie nos discursos seja o código social e as normatizações de tratamento, o exercício do poder deriva do conjunto dos processos psíquicos conscientes e inconscientes. Eis aí a fecunda ação do *pathos* e a figura do *semblant* expostas como a exegese e a forma do discurso político.

O simulacro pelo qual o discurso se apresenta induz e requer a hermenêutica e esta passa necessariamente pela análise clínica, pela consideração *pathos*. A ação política, como bem expôs Arendt, está baseada na pluralidade humana, plural este que explicita a subjetividade que diferencia os seres humanos e que está calcado na psique e na ação de cada indivíduo, que se promove a partir das impressões do consciente e do inconsciente.

No discurso político a atenção do espectador há de voltar-se não só às palavras ditas, mas a história do locutor e não só a história política de homem público, mas a história de fato, as ações e acontecimento que o formaram como indivíduo, as impressões de vida que balizam sua personalidade. Assim se conseguirá a aproximação tão importante ao pensamento ao qual aquele locutor é de fato fiel e que realmente irá impor em suas ações enquanto agente e representante político.

A realidade mostrada por Cerqueira Filho que fora vivida por Rosa na Colômbia, recém chegado de uma Alemanha nazista, expõe a associação que o autor faz e expõe na sua obra de ficção da sua percepção da influência do imperialismo presente na realidade de ex-colônia daquele país sul-americano e que se via então influenciado pelas ações das grandes potencias capitalistas do globo e o contexto ditatorial presente na Alemanha em passado recente.

E sobre tais percepções, de realidades aparentemente tão distantes, expõe uma associação valiosa, regida pelo método clínico de análise, que se faz capaz de explicar a percepção dos fenômenos políticos a partir do *pathos* daquele que os vivencia.

Comparando a análise feita por Cerqueira Filho e a análise de discursos que aqui se aborda, vê-se a proeminência do método clínico como forma eficaz para se extrair da ação política aquilo que se vê por trás do simulacro, que o discurso expõe e muitas vezes defende.

Tendo por exemplo o objeto estudado por Alves, conforme citado acima, os discursos do candidato Lula em momentos eleitorais distintos, vê-se muito mais que uma retórica moldada pelas circunstâncias de momento, ou mesmo pelo jogo eleitoral que se define conforme o cenário político-social, mas também a derivação daquilo que o candidato traz como impressão pessoal.

Se a mudança constatada fora relevante e até radical em alguns pontos, haja vista o uso de termos e expressões diferenciadas em um momento e em outro, o que se deve levar em conta, além disso, é que o homem de 1989 não é o mesmo, em termos de constituição de sua psique, do homem de 2002 e isso se faz valer na construção do discurso, bem como na formação da imagem e principalmente na atuação política, pois esse conjunto é uma construção que tem como agente originário o *pathos*.

De certo o homem altivo que se expõe como candidato, capaz de ser a solução às expectativas de solução e mudança daqueles que o ouvem tem em seus bolsos psíquicos segredos que jamais abrirá até a seu mais próximo correligionário, ou mesmo a sua pessoa mais íntima, mas que estarão ali, permeando seu discurso, pois é este um dos caminhos para que alcance aquilo que ali mais deseja.

Assim como analisar Rosa e sua obra não se faria fiel caso se desconsiderasse suas vivências enquanto diplomata, médico e militar. Menos fiel seria, caso não se considerasse a forma pela qual passaram por suas impressões de menino, jovem e homem adulto as experiências de uma vida e as interpretações sensíveis de uma história.

O discurso político diz-se e mostra-se enquanto *ethos*, mas é como *pathos*. É inegável que além das mãos, e nas mãos, há muito mais que os dedos que se mostram. Há o porquê de se mostrarem de uma e não de outra maneira e há inclusive na ausência de um dedo muito da explicação da ação de todo um corpo, regido por uma pisque sensível àquela ausência, que de certo toca e aponta para direção do interior do indivíduo para explicar todas as suas exteriorizações.

Referências

ALVES, Eliana (2013). *Discurso e modalidades epistêmicas no debate político: efeitos de sentido no discurso de Lula*. In: Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU.

ARENDDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Sufoco nas alturas sobre Páramo, de Guimarães Rosa*. In: Passagens - Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica. Rio de Janeiro: vol. 5, n.2, maio-agosto, 2013, p.168-204.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed.Objetiva, 2001.